



JORNAL: *A Tarde*
CAD: 01

DATA: 02.08.93
PAG: 01/06

Assunto: *Centro Histórico Restauração*

Editorial
O Terreiro de volta
A revitalização do Centro Histórico atinge o seu principal epicentro, o Terreiro de Jesus (Pág. 6).

O Terreiro de volta

A partir de logo mais, às 19 horas, o Centro Histórico de Salvador volta a ganhar mais um equipamento que estava completamente abandonado e agora pode ser freqüentado pelos baianos e pelos turistas. Trata-se do Museu de Arte Sacra da UFBA, instalado no Convento de Santa Teresa, na Rua do Sodré, fundado pelos Carmelitas Descalços. Trata-se de um dos monumentos mais importantes do período colonial seiscentista, e o museu ali instalado foi um presente à cidade do então reitor da Universidade da Bahia, professor Edgard Santos, por ocasião da realização dos Colóquios Luso-Brasileiros. Pintura, talha, ourivesaria e azulejos destacam nas obras do ceramista beneditino frei Agostinho da Piedade, e o convento foi ainda palco de notáveis manifestações artísticas da Bahia, como a realização de concertos e cenário para filmes, dentre eles do antológico Glauber Rocha.

O acontecimento registra a participação do Ministério da Educação, via universidade, na revitalização do Centro Histórico de Salvador. Igualmente, o início da recuperação da mais antiga escola de Medicina do Brasil, o conjunto localizado no Terreiro de Jesus, registra a participação do Ministério da Educação nos esforços governamentais para a revitalização de um conjunto arquitetônico tão importante que mereceu tombamento por parte da UNESCO, como patrimônio da humanidade. A revitalização do Centro Histórico atinge assim seu principal epicentro, a praça mais famosa, o Terreiro de Jesus. Porque, além da recuperação da antiga Faculdade de Medicina, o governo do estado anunciou a restauração física dos prédios localizados no Terreiro, e espera-se que tal restauração tenha reflexos no terreno sócio-econômico como aconteceu nos demais quarteirões até agora inaugurados nas vizinhanças.

X
X X

Era de se esperar que outros níveis da administração pública também se integrassem ao estado, como fez o governo federal, num trabalho conjunto para a recuperação total do Centro Histórico. O caso da prefeitura é típico. Durante a gestão do Sr. Manoel Castro elaborou-se um cuidadoso e criterioso projeto de revitalização de boa parte do Centro Histórico, através da transferência para os prédios recuperados de todas as repartições municipais que assim formariam o que os técnicos denominaram projeto CAMI, sigla de Centro Administrativo Municipal.

Lamentavelmente, vivemos num país onde a seqüência administrativa se interrompe toda vez que a um governo sucede outro de tendência política oposta. Os baianos também são vítimas desse tipo de comportamento político-administrativo de cunho paroquial, provinciano e atrasado. Durante décadas, o Centro Administrativo da Bahia teve suas obras interrompidas, enquanto o estado pagava caros aluguéis em imóveis particulares para sediar suas repartições, porque os governos que antecederam o primeiro governo Antonio Carlos não se interessaram em concluir uma obra iniciada por seu antecessor.

Ora, a revitalização do Centro Histórico, ao alcançar seu principal vetor, o Terreiro de Jesus, produziu a desejada valorização econômica da área e despertou mais interesse do que ocorreu nos primeiros quarteirões inaugurados no Pelourinho e no Maciel, para onde os comerciantes de maior peso se deslocaram cautelosamente sem saber se suas filiais seriam capazes de encontrar mercado para os investimentos realizados. Como o sucesso foi além do esperado, eis que agora a luta pelo metro quadrado no Terreiro de Jesus está ficando cada vez mais encarniçada.

X
X X

O importante na concorrência é que quem mais tem lucrado são os antigos moradores do Centro Histórico. Os que desejam sair são indenizados, segundo a cotação do dólar do dia. Os que aceitaram, saíram de ruínas, onde viviam no lixo com os ratos e passaram a viver em habitações dignas nos bairros periféricos da cidade. Não perderam seu mercado de trabalho informal e continuam freqüentando a área revitalizada. Os que não saíram, dentre eles os comerciantes que vivem há décadas no local, tiveram, porém, que adaptar higienicamente os seus estabelecimentos, porque, uma vez cobrando mais caro pelos serviços em função do crescimento do turismo, não se admite que possam conviver espeluncas ao lado de filiais das mais famosas grifes do País, do estado e da cidade.

Ainda que tardiamente, a prefeitura começou a enxergar as mudanças que o País inteiro conhecia há meses, através das maiores redes de televisão. Daí, a criação de uma denominada Administração Regional e um imaginário Parque Histórico do Pelourinho, que já produziu os

seus primeiros empregos. Porém, não venha a criação desta administração municipal se conflitar com as medidas que vêm sendo tomadas pelo governo estadual para valorizar o Centro Histórico, restaurando seu casario, implantando em sua área atividades que o tornam, além de atração turística, vigoroso centro comercial. Melhor faria a prefeitura, que tem repartições espalhadas por toda a cidade, pagando caros aluguéis, se pusesse em execução o projeto CAMI, fazendo com que a atual administração passasse à História como a primeira a se unir a esforços estaduais, federais e da iniciativa privada para reconstruir uma parte da cidade que parecia condenada irremediavelmente ao arruinamento total. Aliás, como o gabinete da prefeita e alguns órgãos diretamente a ele subordinados funcionam no chamado sítio do Centro Histórico, esta administração regional parece, à primeira vista, dispensável, a par de poder implicar na criação de novas e desnecessárias despesas para os cofres municipais, com cargos, instalações etc. Se há uma área que pode, e muito bem, ser administrada diretamente pela prefeitura esta é o Centro Histórico, porque nela está o Palácio Tomé de Souza, noutra praça histórica, onde se edificou o primeiro prédio do Senado da Câmara no Brasil, hoje Câmara de Vereadores.

X
X X

Com custo social zero, a restauração do Centro Histórico pelo governo do estado é mais um presente à cidade, que também já ganhou outros na atual administração, como o Teatro Castro Alves, o Parque do Abaeté, em véspera de inauguração, escolas, a reconstrução do Centro de Convenções, hospitais e assim por diante.

Nas intervenções destinadas a oferecer à cidade todos esses equipamentos, porém, dispensou-se uma administração específica para concretizá-las, que poderiam agora estar criadas em penca para cuidar de cada uma destas realizações. Tudo é uma questão de estilo administrativo. Respeitados seus direcionamentos, o que se espera é que a inovação trazida pela administração do Centro Histórico venha para somar e não para dividir, pondo em risco tudo o que já se fez por este cartão-postal da cidade.